

**42° ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**  
**Caxambu, 22 a 26 de outubro de 2018**

**GT23 – PENSAMENTO SOCIAL NO BRASIL**

**Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento  
social brasileiro sobre Raymond Williams\***

**Alexandro Henrique Paixão**

## **Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams<sup>1</sup>**

Alexandro Henrique Paixão<sup>2</sup>

Neste trabalho pretendo indicar, em passos rápidos, linhagens interpretativas brasileiras que são seguidas por determinadas tradições seletivas dedicadas a selecionar e interpretar a obra de Raymond Williams (1921-1988) no Brasil.

A primeira tradição seletiva envolve o professor Anísio Teixeira e a Companhia Editora Nacional, sendo que ambos buscam seguir a linha ou linhagem de desenvolvimento cultural ligado à uma “educação nova” implementada pelo projeto “Escola Nova” de 1930; a segunda tradição, desdobramento da primeira, diz respeito à preocupação em constituir um “sistema de produção do saber” ligado às “humanidades”, que combina mercado editorial e universidades para produzir um conhecimento dentro das ciências humanas, sendo que algumas traduções das obras de Williams podem ter contribuído para isso; e a terceira e última tradição seletiva relaciona-se à professora Maria Elisa Cevalco e ao livro *Para ler Raymond Williams*, que não somente ressignifica o sentido de uma “educação nova”, só que com outra nomenclatura, a dos “estudos culturais”. É uma nova linhagem dentro do pensamento social brasileiro que passou a existir no interior das universidades, sobretudo, nos centros acadêmicos em que as “humanidades” vigoram.

O que se segue, portanto, é uma exposição do tipo esquemática e parcial, em que não será possível aprofundar e/ou desdobrar aquilo que irei apresentar como hipóteses no interior dessas “tradições seletivas” e das “cesuras” epistemológicas que operam no

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de um auxílio pesquisa Fapesp (processo nº 17/02063-0) e intitulado “Raymond Williams: crítica e crise como elementos constitutivos de cultura e educação no pós-guerra (1946-1961)”. Quanto aos dados editoriais de produção e distribuição das obras de Williams no Brasil e na Argentina, e que serão apresentados ao longo do texto, trata-se dos resultados de uma pesquisa SAE/UNICAMP, bolsa auxílio social (BAS), realizada pela estudante de graduação Jéssica Lopes Rezende, sob minha orientação, e intitulada “Estrutura de sentimento transatlântica: apropriação e tradução de R. Williams no Brasil e na Argentina”.

<sup>2</sup> Departamento de Ciências Sociais na Educação (DECISE) – Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação e Sociologia (LECHES) - Faculdade de Educação (FE) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

momento da seleção e interpretação da obra de Raymond Williams no Brasil. Inclusive essa experiência de cesura<sup>3</sup> se constitui aqui como uma proposição, na medida em que parto da explicação provisória de que a produção intelectual de Williams teria sofrido uma cisão em sua unidade interna, no momento em que as tradições seletivas nacionais operaram um recorte de produção bibliográfica do autor, separando da discussão dos estudos culturais a questão da educação de adultos.<sup>4</sup> Trata-se de um conjunto bibliográfico que engloba, pelo menos, dois livros, *Reading and Criticism* (1948) e *Communications* (1961), e quinze artigos, que não foram selecionados, nem interpretados pelo mercado editorial e as instituições universitárias interessadas no autor, gerando assim um corte epistemológico.

As culturas vividas em momentos e lugares específicos somente podem ser acessadas significativamente por aqueles que viveram determinadas “estruturas de sentimento”, cabendo a nós, hoje, como os intérpretes das culturas passadas, captarmos o caráter e/ou padrão cultural delas nos documentos e registros existentes, projetando-os assim sobre nosso tempo atual. Essa operação é necessária para compreendermos como chegamos a selecionar partes de determinada obra de um autor e nos interessar especificamente por valores e ideias específicos ligadas a ela. Claro que os caminhos que nos levaram a Williams e aos estudos culturais foram muitos e em hipótese alguma poderemos traçá-los. Todavia, temos uma pista e ela relaciona-se à história da apropriação das ideias de Williams no Brasil, algo que a circulação dos impressos através de editoras, bibliotecas e “personalidades singulares”, como os intelectuais, nos ajudam a compreender por meio das tradições seletivas.

Essas tradições seletivas são compostas por grupos estratégicos que, segundos seus interesses mais variados, selecionaram e interpretaram aspectos da obra do autor, sobretudo, ligado aos estudos culturais. Um interesse que, diga-se de passagem, não é pequeno, embora venha sendo deslocado, atualmente, das figuras fundadoras dessa disciplina, como o galês Raymond Williams, e ligado a outras personalidades singulares

---

<sup>3</sup> Conferir Wilfred Bion. “Cesura”. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1981, nº 15, pp. 123-136.

<sup>4</sup> Um primeiro esforço na direção de explicar essa questão da unidade das obras Williams, pode ser encontrado no paper apresentado na 41ª Anpocs (2017), quando apresentei as primeiras proposições no GT 15: Intelectuais, democracia e dilemas contemporâneos, com um trabalho intitulado *Raymond Williams: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra*. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-2/gt-30/gt15-26/10732-raymond-williams-historia-intelectual-inglesa-cultura-e-educacao-de-adultos-no-pos-guerra/file>; consulta site em setembro de 2018.

da atualidade brasileira, como Silviano Santiago, cuja obra *Uma literatura nos trópicos* tem sido celebrada, por um conjunto de intelectuais e pesquisadores, como uma produção inaugural dos estudos culturais no Brasil.<sup>5</sup> Esse interesse por Silviano Santiago é bastante legítimo e relevante, mas, talvez, antes de consagrarmos a esse importante intérprete da cultura nacional e a outros intelectuais a transmissão dos estudos culturais no Brasil, precisamos refletir como parte essa disciplina chegou até nós por meios de tradições seletivas:

... There is the lived culture of a particular time and place, only fully accessible to those living in that time and place. There is the recorded culture, of every kind, from art to most everyday facts: the culture of a period. There is also, as the factor connecting lived culture and period cultures, the culture of the selective tradition.<sup>6</sup>

Do conjunto de toda uma cultura existente, de todas as atividades artísticas e intelectuais ou mesmo das produções mais cotidianas, uma “tradição seletiva” é aquela que extraí desse conjunto de coisas somente algumas partes para valorizá-las e criar um universo de sentido para elas. Segundo Williams, essa seleção refletirá a organização e a interpretação cultural de todo um período. Por isso, podemos dizer que não se trata apenas de uma seleção, mas de interesses especiais e variados, incluído os de classe, fazendo movimentar toda uma fração da sociedade, sobretudo, naqueles espaços institucionais, como as universidades, mas também o mercado, como as editoras. Esse processo de desenvolvimento, calcado no interesse de grupos diversos, são como traços ou linhas de desenvolvimento cultural, por onde seguem, reitero, as tradições seletivas:

In a society as a whole, and in all its particular activities, the cultural tradition can be seen as a continual selection and reselection of ancestors. Particular lines will be drawn, often for as long as a century, and then suddenly with some new stage in growth these will be cancelled or weakened, and new lines drawn. In the analysis of contemporary culture,

---

<sup>5</sup> Refiro-me ao marcante seminário em homenagem a Silviano Santiago, da qual participei, e que ocorreu entre os dias 11, 12 e 13 de setembro de 2018, no Rio de Janeiro, Campinas e Belo Horizonte, organizado por André Botelho, Mariana Chaguri, Roberto Said e Maurício Hoelz. Nas palavras dos organizadores: “ao lembrar os 40 anos de *Uma literatura nos trópicos* (1978), de Silviano Santiago, o seminário debate tema central na literatura, nas ciências sociais, na história e nos estudos culturais no Brasil...” – *grifo meu*.

<sup>6</sup> Raymond Williams. “The Analysis of Culture”. In: *The Long Revolution*. Wales: Cardigan, 2011, p. 70 – *grifo meu*.

the existing state of the selective tradition is of vital importance, for it is often true that some change in this tradition – establishing new lines with the past, breaking or redrawing existing lines – is a radical kind of contemporary change. We tend to underestimate the extent to which the cultural tradition is not only a selection but also an interpretation.<sup>7</sup>

Novas linhas, ou melhor, novas linhagens carecem de compreensão, sobretudo, quando na contemporaneidade, percebemos que tradições seletivas seguiram, mesmo em meio a críticas e reações, uma linhagem interpretativa de desenvolvimento ou de mudança social que surgiu no país num momento específico, mais precisamente na década de 1930, com o projeto modernista de uma educação nova. Na verdade, esse argumento não é nenhuma novidade, pois importantes intérpretes de nossa cultura letrada já se ocuparam disso, isto é, do legado do projeto escola nova, e as rupturas e as continuidades que foram operadas por intelectuais e as universidades ao longo do tempo e espaço no Brasil.<sup>8</sup> Todavia, nosso ponto não é repassar essas teses e suas controvérsias, mas indicar que um modelo de educação nova reaparece em nossa atualidade sob a insígnia “estudos culturais” e, curiosamente, ao desejarmos introduzi-lo em nossa realidade universitária e torná-lo parte de nossas vidas acadêmicas e dos nossos cursos de formação de bacharéis, licenciados e/ou pós-graduandos, acabamos por fazer a operação de atualização de uma linhagem e perpetuação de uma tradição seletiva.

O resultado são ideias e valores específicos refratados em edições, traduções, estudos, pesquisas etc., todo um repertório documental, ao mesmo tempo, um verdadeiro exemplo de como um pensamento social sobre Williams se constituiu no Brasil.

Retomando o próprio Williams, lembro que para ele, a análise documental deve levar à análise social (“Thus ‘documentary’ analysis will lead out to ‘social’

---

<sup>7</sup> Raymond Williams, “The Analysis of Culture”, *op. cit.*, pp. 73-74 – *grifos meus*.

<sup>8</sup> Refiro-me, sobretudo, a vários escritos de Demerval Saviani, merecendo destaque o livro *Escola e Democracia*, cuja primeira edição é de 1983, e ao depoimento de Antonio Candido, de 06 de abril de 2015, em função da posse de Renato Janine Ribeiro no Ministério da Educação. Para Candido essa ascensão é, entre outras coisas, a realização de um projeto intelectual da década de 1930. Inclusive vale mencionar seu ensaio “A revolução de 1930 e a cultura”, também de 1983, em que Candido explica a centralidade dos anos trinta para a nossa formação cultural. Cito também o livro de Sérgio Miceli, *Intelectuais à brasileira* (2001) e o trabalho conjunto de Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa, *Tempos de Capanema* (1984). A lista não termina aqui, mas penso que tais nomes sejam suficientes para indicar como 1930 e as mudanças na educação e cultura se constituem uma linhagem interpretativa de desenvolvimento social ou cultural.

analysis”<sup>9</sup>), na medida em que as fontes estudadas sobre determinadas tradições seletivas devem nos ajudar a mergulhar no passado onde linhagens de desenvolvimento cultural foram gestadas. Saber delas implica conhecer não somente ideias e valores humanos, que são elementos constitutivos de um pensamento social, mas reconhecer todo um universo de sentido elaborado por grupos estratégicos, portadores e suporte de um “sistema de produção do saber”.

### **Primeira Tradição Seletiva e sua Linhagem Interpretativa**

No dia 23 de outubro de 1969, a quarenta e nove anos atrás, o professor Anísio Teixeira publicava um artigo intitulado “A grande tradição do nosso tempo”.<sup>10</sup> Lendo o texto de Anísio, a preocupação do autor era com a fundação de uma tradição intelectual dentro do pensamento social brasileiro associada a Williams e ao problema da cultura, sociedade e educação. Anísio Teixeira e seus colaboradores ligados à equipe da Companhia Editora Nacional parecem ansiar em fundar uma tradição editorial seletiva, em que Williams inauguraria, com suas ideias sobre cultura e sociedade, uma nova perspectiva do pensamento social, tanto que o livro capital do autor, *Culture and Society: 1780-1950*, viria a público no vernáculo um ano depois, traduzido pelo próprio Anísio Teixeira e outros dois tradutores: Leônidas H. B. Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. O livro que estreava a coleção “Cultura, Sociedade, Educação” (CCSE) fora baseada na terceira edição de *Culture and Society*, tendo sido reeditado pela editora Chatto & Windus LTD, de Londres, em 1960, dois anos depois da edição original, de 1958.

Na apresentação à edição brasileira, de autoria também de Anísio Teixeira, no lugar de falar em tradição, o autor escolhe os termos “herança intelectual, imaginativa e sentimental que recebeu a geração contemporânea”, para caracterizar o estudo que

---

<sup>9</sup> Raymond Williams, “The Analysis of Culture”, *op. cit.*, p. 74.

<sup>10</sup> Cf. “A grande tradição do nosso tempo” – Texto comentado do livro “Culture and Society”, de Raymond Williams. Rio de Janeiro”. Fonte: FGV CPDOC/Identificação: Classificação: AT pi Teixeira, A. 1968.10.23. Tomei conhecimento mais aprofundado do envolvimento de Anísio Teixeira com a obra de Williams a partir da pesquisa de André Paulilo sobre o autor brasileiro. Inclusive o professor e pesquisador da Unicamp está preparando uma exposição mais detida sobre essa relação intelectual que será apresentado no “VI Colóquio Educação e História Cultural: por que ler Raymond Williams no século XIX?”, em organização na Faculdade de Educação – Unicamp.

Williams desenvolveu em seu livro sobre a tradição seletiva inglesa ocupada com o sentido de cultura; sendo essa mesma tradição àquela que geraria a própria cultura. O termo “antologia” também serve de sinônimo para Anísio Teixeira tentar enquadrar as diferentes tradições seletivas da cultura inglesa ao longo do tempo e espaço, enquanto o substantivo “viático” é utilizado por ele para qualificar a obra como um recurso para prosseguirmos nossa caminhada em meio à longa revolução que sofremos desde a revolução industrial no final do século XVIII até aqueles dias do final da década de 1960.

Nesta tradição seletiva em formação, vemos que uma estrutura de sentimento ligada ao anseio por mudança social está presente e acredita que a transformação virá por meio de uma intelectualidade ocupada com cultura, sociedade e educação, já que aqui a revolução industrial significou outra coisa. Representam essa intelectualidade o próprio Anísio Teixeira, que foi não somente um dos expoentes do pensamento educacional conhecido como “educação nova”, mas um homem bastante ativo na vida política e pedagógica brasileira, tendo ocupado, entre outras coisas, a direção do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), nos anos de 1950. Se não fosse pela sua morte em 1971, Anísio Teixeira, talvez, continuaria sua carreira como educador, político e também editor de uma das maiores editoras brasileiras do período, sendo aquela que “teve crescente êxito com seus livros de nível universitário”.<sup>11</sup> Esse programa da Companhia Editora Nacional, na verdade, coincidia com o projeto político pedagógico de Anísio Teixeira ao traduzir Williams no país, no sentido de que para ele era preciso dotar o ensino superior, em processo de modernização, com novos referenciais. Essa é a linha de desenvolvimento cultural que Anísio Teixeira segue: a de que o caráter modernizador das universidades brasileiras deve ser aquilatado com novos repertórios intelectuais, algo que a obra de Williams, pode-se aventar, atenderia.

Essa modernização universitária, segundo Irene Cardoso, tem como programa não somente a renovação curricular, mas seguindo a tônica da democratização do ensino superior do momento, dava espaço a projetos que operassem mudanças dentro do próprio pensamento científico e da produção tecnológica até então existente. É uma verdadeira educação nova, e se o projeto não era exatamente o mesmo da década de 1930, seu idealizador pelo menos continuava sendo o mesmo, haja vista quem estava à frente dessas

---

<sup>11</sup> Laurence Hallewell. “Livros de Nível Universitário”. In: *O Livro no Brasil (Sua História)*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor; Editora Universidade de São Paulo, p. 294.

mudanças era Anísio Teixeira, fundador de uma tradição seletiva e seguidor da linhagem interpretativa da Escola Nova. Ocupados em introduzir Williams nas instituições universitárias, graças a força editorial da Companhia Editora Nacional, o autor galês, combinado com outros autores editados naquele momento, torna-se uma espécie de pioneiro porta-voz de uma intelectualidade nova:

Entre os êxitos da Nacional nas décadas de 60 e 70... contam-se quase duas centenas de títulos, principalmente nas áreas de sociologia, psicologia, pedagogia, comunicação, lingüística, genética, zoologia, geologia, economia. Além de coleções como “Atualidades Pedagógicas” e “Iniciação Científica”... Octalles criou no início dos anos 60 uma “Biblioteca Universitária”, compreendendo várias séries (Filosofia, Ciências Sociais, Ciências Puras, Ciências Aplicadas, Letras e Lingüística) organizada e dirigida por destacados *scholars* da Universidade de São Paulo: João Cruz Costa, Florestan Fernandes... Antonio Cândido...<sup>12</sup>

Preocupada com a precariedade intelectual brasileira e com uma certa função subalterna das ciências humanas dentro do ensino superior em desenvolvimento,<sup>13</sup> a Companhia Editora Nacional projeta-se nas diversas áreas do conhecimento humano, ciências naturais e exatas, sem descuidar do legado das “humanidades”, ao contrário, pelo exposto no excerto vemos que os professores de “humanidades” figuram entre os intelectuais escolhidos pela editora para estar à frente da “Biblioteca Universitária”. Irene Cardoso, lendo Franklin Leopoldo e Silva, chega a caracterizar as humanidades como um “apêndice” do sistema de produção de saber e, como todo apêndice, podemos sugerir, sua sobrevivência dependia da integração ao todo. Como não tenho nenhuma pretensão em discutir como as ciências humanas se equilibram no campo das intensas disputas científicas existentes, vou operar um corte nessa discussão mais geral, preservando a seguinte hipótese: a partir de 1960 consolida-se uma linhagem interessada na constituição de um sistema de produção do saber de “humanidades”, algo que a Companhia Editora Nacional e Anísio Teixeira escolhem inaugurar com Raymond Williams, depositando nele a expectativa de um pensamento social novo, ligado à questão da cultura, sociedade e educação, que é também o nome da coleção que vai publicar *Cultura e Sociedade*, em 1969.

---

<sup>12</sup> Laurence Hallewell, *O Livro no Brasil...*, *op. cit.*, p. 298.

<sup>13</sup> O ponto sobre a universidade, modernidade e poder é desenvolvido com toda profundidade por Irene Cardoso. “A modernização da universidade brasileira e a questão da avaliação”. *In: Para uma crítica do presente*. São Paulo: Editora 34, 2001, pp. 70-71.



Estudiosos da história do livro no Brasil, como Hallewell, não fizeram menção a isso, pelo menos, não a essa coleção e ao papel que Anísio Teixeira desempenhou nesse processo. Da minha parte, reconheço nesse representante da Escola Nova na década de 1960, um empenho em seguir, tanto a linhagem que havia sido desenhada três décadas atrás, sobre a necessidade de uma educação nova, quanto o esforço em construir um sistema de produção do saber dentro das ciências humanas. Na verdade, esse projeto humanista e democrático, gestado em pleno regime autoritário, iria se completar somente nas décadas seguintes, graças aos projetos editoriais de outras empresas interessadas no ciclo econômico do livro e de outros intelectuais, ligados às universidades, ocupados com Raymond Williams. Foi Hannah Arendt, em outro contexto, que disse que em certo período os intelectuais passaram a ser essenciais para o funcionamento das sociedades.<sup>14</sup> No nosso caso, o argumento é exemplar, sobretudo, porque tais intelectuais fizeram funcionar diferentes engrenagens, inclusive a mecânica do livro impresso.

Portanto, aquilo que foi iniciado pela Companhia Editora Nacional, foi desenvolvido pela Editora Unesp, quase quarenta anos depois. Mas antes de essa editora universitária reassumir a transmissão das traduções das obras de Williams, outras importantes editoras no país dedicaram-se ao autor e ao sistema de produção de um saber para a construção das humanidades no país e desenvolvimento do comércio do livro.

### **Segunda Tradição Seletiva e sua Linhagem Interpretativa**

Em 1979, a Zahar Editores traduzia *Marxismo e Literatura*, seguido dez anos depois da Editora Companhia das Letras, responsável pela tradução de *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*, de 1989. Também preparou a tradução de um dos romances de Williams, *O povo das montanhas negras*, 1991, e a reedição de *O Campo e a Cidade*, numa edição de bolso, mas somente no ano de 2001. Nos anos de 1990, a editora paulista Paz e Terra publicou, em 1992, o livro *Cultura*. Já na primeira década dos anos 2000, a editora Boitempo foi responsável pela tradução de *Palavras-Chave* (2007) e *Televisão* (2016), em parceria com a Editora PUC Minas. A editora Cosac Naify,

---

<sup>14</sup> Hannah Arendt. “Capítulo 3”. In: *Sobre a Violência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, p. 53.

recentemente desativada, publicou no vernáculo *Tragédia Moderna* (2002) e *Drama em Cena* (2010), e a Editora Vozes republicou *Cultura e Sociedade*, em 2011. Por fim, temos as edições da Editora Unesp, *Cultura e Materialismo* (2011); *Política do Modernismo* (2011); *A Política e as Letras* (2013), *A Produção Social da Escrita* (2014) e *Recursos da Esperança* (2015), sendo a editora, que desde 1996 é uma fundação, a que mais distribuiu Williams na sociedade brasileira nos últimos dez anos e que tem sempre intelectuais ocupando sua direção ao longo das épocas, como o economista e filósofo Jézio Gutierre.<sup>15</sup>

Em termos editoriais, temos uma variedade de produções de Williams, algo que cobre *quase* praticamente toda sua obra, partindo dos livros sobre teatro, como *Drama em Cena*, passando pelo seu livro capital, *Cultura e Sociedade*, as coletâneas de textos, como *Recursos da Esperança*, que reúnem trabalhos de diferentes épocas, indo do começo ao fim de sua carreira intelectual, tudo isso combinado a apenas um exemplar de sua produção ficcional, *O Povo das Montanhas Negras*, encerrando o arco editorial com *O Campo e a Cidade*, *Televisão e Marxismo e Literatura*, que são obras publicadas sequencialmente e respectivamente, em 1973, 1974 e 1977, e representam os três últimos livros completos do autor antes do final da vida. Digo isso porque os outros trabalhos são ensaios e artigos que serão produzidos até sua morte em 1988, conforme podemos perceber pelas seletas de textos de *A Política do Modernismo*, que foi um projeto esboçado por Williams, mas somente publicado postumamente.

Como vemos, apesar de Williams começar a fazer parte de um sistema de produção do saber representado pela Companhia Editora Nacional e suas coleções universitárias, foi somente nas duas últimas décadas, já no século XXI, que o autor circulou intensamente entre as editoras brasileiras. Situação não muito diferente de outros países da América Latina, como na Argentina, que edita o autor galês em língua espanhola intensamente desde os anos 2000.

A título de ilustração, vemos que entre os portenhos, as obras de Williams, diferente do Brasil, foram traduzidas, sobretudo, por editoras não universitárias, como Godot, Mananthial, Las Cuarenta, Nueva Visión, Prometeo e La Marca Editorial. Quanto aos títulos traduzidos, destaca-se:

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://editoraunesp.com.br/quemsomos>; consulta site: setembro/2018.

- *Cultura y Sociedad 1780-1950: de Coleridge a Orwell* (Nueva Vision: 2001)
- *Palabras-Clave. Un Vocabulario de la Cultura y la Sociedad* (Nueva Visión: 2000)
- *La Larga Revolución* (Nueva Vision: 2003)
- *Marxismo y Literatura* (Las Cuarenta: 2009)
- *Cultura y Materialismo* (La Marca Editora: 2012)
- *El Campo y la Ciudad* (Prometeo: 2017)
- *La Política del Modernismo* (Godot: 2018 e Manantial: 1997)
- *Lectura y Critica* (Godot: 2014)

Desse conjunto se sobressai tanto *La Larga Revolución*, que não possui uma versão em português quanto o livro *Lectura y Critica*, que é o único entre os editados em espanhol voltado à cultura e educação, diferenciando-se a Argentina do Brasil nesses dois quesitos. Salvo essas exceções, a Argentina repete a mesma tendência brasileira em termos de títulos, embora a variedade de títulos traduzidos em nosso país seja muito maior.

Essa rápida visada pelas editoras argentinas das últimas duas décadas do século XXI, somada à produção editorial brasileira de editoras universitárias e não universitárias, nos informa que houve uma intensa circulação dos livros de Williams em pelo menos dois países da América Latina, sendo que no Brasil, as editoras universitárias se destacaram dentro do “ciclo econômico do livro” e parecem impactar a vida de tinta e papel presente no interior das próprias universidades.

Na verdade, esse assunto recoloca o papel da universidade e o lugar das ciências humanas como um paradigma científico necessário, embora rebaixado muitas vezes pelos setores que controlam a organização e difusão do saber das humanidades no país, como o Estado e/ou algumas empresas. Se retomarmos os argumentos de Irene Cardoso, veremos que a linha de desenvolvimento cultural de 1960, atrelada à universidade, continua presente em nossos dias, atualizando a linhagem existente com uma nova tradição seletiva, a dos leitores das edições de Raymond Williams nas universidades. Mas não se trata de quaisquer leitores, mas dos estudantes e professores de humanidades que tem ajudado a realizar tanto aquele projeto de democratização do ensino iniciado em 1960 quanto perpetuar o anseio de um sistema de produção de um saber de “humanidades.”

Retomando Irene Cardoso,<sup>16</sup> vemos que aquela geração que viu a universidade se modernizar e começar a se abrir democraticamente, seguindo a linhagem de uma educação (de feições) nova, hoje assiste à constituição de uma nova tradição seletiva: a do público universitário das ciências humanas, consumidores dos livros de Williams e que dão testemunho que um sistema de produção de um saber de “humanidades” parece ter se consolidado, pelo menos em termos de circulação de livros.

Faço essa afirmação depois de pesquisar os catálogos universitários *on-line* e perceber que o mercado editorial brasileiro tem nas universidades um grande consumidor de obras de Williams. Numa pesquisa no catálogo *on-line* de onze universidades, temos o seguinte quadro:

<b>Universidades</b>	<b>Número de Livros de Williams</b>
<b>UFPA</b>	10
<b>UFBA</b>	10
<b>UFMG</b>	92
<b>UNB</b>	19
<b>UFRJ</b>	55
<b>PUC –RJ</b>	19
<b>PUC – SP</b>	33
<b>UNESP</b>	146
<b>UNICAMP</b>	100
<b>USP</b>	357
<b>UFRGS</b>	12

Quadro 1: Universidades Brasileiras contendo no acervo on-line livros de Williams

No plano da simples constatação, vemos que de norte ao sul do país, da Universidade Federal da Paraíba à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, temos um total de 1694 obras de Williams disponíveis para consulta nos espaços acadêmicos nacionais. Nota-se que as universidades paulistas, sobretudo a USP, contêm o maior número de exemplares do autor galês, seguida da UNESP, UNICAMP, UFMG e UFRJ.

Selecionando essas cinco universidades que contêm o maior número de livros de Williams presentes em suas bibliotecas, vejamos quais são os títulos mais volumosos, em termos de exemplares:

<sup>16</sup> Irene Cardoso, “A modernização da universidade brasileira...”, *op. cit.*, p. 71 (nota 9).

<b>Universidades</b>	<b>Títulos</b>	<b>Número de Exemplares</b>
<b>USP</b>	<i>O Campo e a Cidade</i>	83
	<i>Cultura</i>	82
	<i>Cultura e Sociedade</i>	52
<b>UNICAMP</b>	<i>O Campo e a Cidade</i>	23
	<i>Cultura e Sociedade</i>	12
	<i>Palavras-Chave</i>	10
<b>UNESP</b>	<i>O Campo e a Cidade</i>	26
	<i>Recursos da Esperança</i>	21
	<i>Cultura</i>	15
<b>UFMG</b>	<i>Cultura e Materialismo</i>	12
	<i>O Campo e a Cidade</i>	10
	<i>Cultura</i>	09
<b>UFRJ</b>	<i>O Campo e a Cidade</i>	07
	<i>Cultura e Sociedade</i>	07
	<i>Cultura e Materialismo</i>	5
	<i>Cultura</i>	5

Quadro 2: Exemplares de Williams em cinco universidades brasileiras

Constata-se que *O Campo e a Cidade* é o único livro que está presente em todos os acervos consultados, sendo o que tem o maior número de exemplares em três das cinco bibliotecas universitárias pesquisadas. Se somarmos todos os títulos de *O Campo e a Cidade* encontrados nos cinco acervos, temos 149 exemplares, contra 111 exemplares de *Cultura*, 71 exemplares de *Cultura e Sociedade*, 17 exemplares de *Cultura e Materialismo*, 21 exemplares de *Recursos da Esperança* e 10 exemplares de *Palavras-Chave*. O segundo livro mais frequente entre as bibliotecas é o *Cultura*, o que nos permite aventar a seguinte hipótese: do ponto de vista do conteúdo consumido literariamente - no sentido de compra de exemplares, disposição nas bibliotecas e potencialidade de circulação de algumas ideias (o que significa que não se sabe das práticas efetivas de leitura, pois não temos notícias dos testemunhas de leitura) -,<sup>17</sup> os dois títulos que mais se destacam nesses acervos são os que recolocam a questão da construção de uma cultura em comum, seja bucólica, seja urbana, reconhecidas na história e na literatura por determinadas estruturas de sentimento. No entanto, o que se sobressai é que a cultura é algo ordinário e compartilhado em

<sup>17</sup> Não houve tempo para analisar os trabalhos produzidos na Pós-Graduação dessas universidades, como teses, dissertações e trabalhos de conclusão de cursos.

diferentes momentos e locais. Já, do ponto de vista do mercado do livro, estamos tratando de dois trabalhos que foram publicados por grandes empresas editoriais consagradas dentro do sistema de produção de um saber de humanidades, como a Companhia das Letras e a Paz e Terra.

Os livros, originalmente, foram escritos em distintos momentos e com uma diferença de dez anos, *The Country and City*, em 1973, *Culture*, em 1983. Todavia, uma sociologia da literatura parece operar nos dois trabalhos, sendo o primeiro mais de crítica, enquanto o segundo, mais de teoria sociológica da cultura. O vezo, portanto, é teórico e visa influenciar, graças às traduções, as novas gerações universitárias brasileiras com uma teoria da cultura, cujo paradigma atende aos anseios de uma intelectualidade sempre ocupada com a questão recorrente da cultura e da identidade nacional dentro das ciências humanas:

... trata-se de questão de natureza intelectual, uma vez que a nação pressupõe e exige conformar a identidade coletiva, tarefa abraçada por formuladores, os codificadores de uma tradição que se firma no andamento da constituição mesma do pensamento. Os intelectuais são, assim, atores centrais no processo, os grandes animadores do problema moldado na forja do pensamento.<sup>18</sup>

A síntese de Maria Arminda nos coloca no centro do debate que nos interessa apontar: Williams não é um intelectual à brasileira, mas foi apropriado, primeiramente, por uma tradição seletiva, outrora representada pelo autor, educador, político e editor Anísio Teixeira, que desejava criar uma nação ao tentar constituir através do mercado editorial um “sistema de produção de saber”, legado que as editoras e as bibliotecas universitárias, contemporâneas dele, parecem ter levado a cabo decisivamente.

A tradição seletiva de 1960 ansiosa de dotar o pensamento brasileiro com uma teoria da cultura particular e construir um sistema de produção do saber ligado às humanidades, introduzia a importância do debate de cultura, sociedade e educação ao traduzir Williams, pela primeira vez, naquela época. O mercado editorial contemporâneo parece ter retido o mesmo vórtice, mas acabou valorizando apenas um lado dessa tríade:

---

<sup>18</sup> Maria Arminda do Nascimento Arruda. “Cultura brasileira e identidade nacional (comentário crítico)”. In: *O que ler na ciência social brasileira 1970-2002*. São Paulo: Editora Sumaré, 2002, vol. IV, p. 46.

entre cultura, sociedade e educação, a cultura se despontou, passando a ser vista como um novo paradigma de conhecimento necessário para um país em formação.

Deslocando a discussão para trinta anos depois, vemos como o mercado editorial brasileiro e as bibliotecas universitárias concentram-se na discussão de uma teoria da cultura, colocando Williams, mais uma vez no centro do debate, vide os investimentos do comércio do livro.

Num arco temporal de 1969 a 2015, o público leitor universitário pôde consumir obras decisivas de Williams, como *Cultura e Sociedade* e *O Campo e a Cidade* e as suas coletâneas. Obras produzidas em momentos específicos da vida do autor galês, essas produções vertidas para o vernáculo transferiram para o público nacional, num primeiro momento, a problemática da cultura e sociedade, o problema da tradição e da perspectiva histórico-literária, a crítica literária de caráter marxista, o termo estrutura de sentimento, apenas para indicar alguns pontos da obra de Williams que chamaram atenção e começaram a impulsionar estudos sobre esse autor, contudo, a ênfase na cultura, ou melhor, nos estudos culturais se sobressaiu, conforme demonstra a pesquisa de Maria Elisa Cevasco, dentro da Faculdade de Letras da USP.

### **A Terceira Seletiva e sua Linhagem Interpretativa**

A terceira linhagem começa com a publicação do livro *Para ler Raymond Williams* (2000), de Maria Elisa Cevasco, resultado da sua livre docência dentro do Departamento de Letras Modernas: Inglês. Em seu prefácio, Sérgio Miceli considera, entre outras coisas, que o livro inaugura tanto “a fortuna crítica de um dos maiores intelectuais do século XX”,<sup>19</sup> quanto um capítulo da história intelectual, conseqüentemente, do pensamento brasileiro, interessado em pensar Williams dentro da linhagem do marxismo ocidental, como um crítico cultural materialista e um dos criadores de uma nova disciplina, os “estudos culturais”; sendo considerado assim, inclusive, por ser capaz de revisar e ampliar a discussão da cultura para além da visão reducionista marxista que compreende a

---

<sup>19</sup> Sérgio Miceli. “Prefácio”. In: Maria Elisa Cevasco. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001, p. 14.

cultura, ora como “superestrutura” ora “ideologia”, assim por diante. Não vem ao caso repassar outros argumentos de Miceli, nem mesmo adentrar ao interior desse trabalho magistral de Cevasco, mas destacar que, dentro de um departamento de língua inglesa da USP, surge uma maneira de ler Raymond Williams que parece orientar as outras produções futuras baseadas na obra do autor galês. Reconhecemos isso não apenas entre herdeiros intelectuais imediatos de Cevasco, como seu orientando de doutorado André Glaser – autor de *Raymond Williams: materialismo cultural* (2011), e um dos maiores tradutores do presente da obra de Williams pela Editora Unesp –, mas também em outros professores e pesquisadores brasileiros. Sentimos isso dezessete anos depois da publicação do livro de Cevasco, em um periódico de grande circulação como a *Revista Cult* (nº 217, Outubro/2016), que apesar de não trazerem a intérprete entre os autores do dossiê Raymond Williams, os organizadores acabaram escolhendo justamente a perspectiva da crítica cultural materialista para apresentar, para públicos amplos, Raymond Williams como um dos expoentes de uma “Linhagem do Marxismo Ocidental”. O dossiê reúne cinco professores universitários e um mestre em sociologia para debater Williams, exatamente, como um crítico cultural materialista. É interessante notar também, lembrando o segmento das discussões inerentes à linhagem criada pelo setor das editoras, como Williams continua sendo um produto atrativo dentro do ciclo econômico editorial.

Voltando à Maria Elisa Cevasco, após seu primeiro livro de Williams, ela aguarda três anos para publicar *Dez lições sobre os estudos culturais*, publicado pela editora Boitempo. Estamos em 2003, e a autora nesse livro refunda sua tese sobre Williams ser um dos principais críticos da cultura dentro de uma perspectiva materialista, criador da disciplina estudos culturais, bem como um ponto de aproximação e comparação com outros intérpretes da cultura brasileira: Antonio Candido e Roberto Schwarz. Nesse momento, Cevasco arrisca tais aproximações visando seguir a linhagem que ela mesma ajudara a fundar: a dos chamados intérpretes de uma crítica cultural materialista e simpatizantes dos estudos culturais, como Candido e Schwarz. O argumento está presente em seu livro, conforme destacado, e é aprofundado em alguns artigos: “Momentos da crítica cultural materialista” (2005); “Sociologia de la Literatura” (2002); “Dois críticos literários” (2004).<sup>20</sup> Com esses diferentes trabalhos, Maria Elisa Cevasco parece querer

---

<sup>20</sup> As referências completas são: “Momentos da crítica cultural materialista”. In: *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 12, janeiro-junho/2005; “Sociologia de la Literatura”. In: Carlos Altamirano (org.). *Terminos criticos de sociologia de la cultura*, Buenos Aires: Paidós, 2002, v. 1, p. 161-169; “Dois críticos



criar também um espaço para disputa intelectual, uma vez que seus escritos buscaram inaugurar tanto um campo de estudos sobre a vida e a obra de Raymond Williams no país quanto instaurar um debate epistemológico e político entre os estudos literários, a sociologia da literatura e os estudos culturais. Algo mais concreto desse projeto, sentimos na criação do mestrado acadêmico de estudos culturais que a Universidade de São Paulo passa a oferecer no campus da Zona Leste da capital paulista em 2011,<sup>21</sup> da qual Maria Elisa não participou diretamente, mas suas ideias estavam presentes, tanto que a aula inaugural do novo curso foi proferida por ela.

Como vemos, estamos num novo momento de uma antiga linhagem interessada em fundar uma educação com feições novas, agora atualizada sob a insígnia estudos culturais. Nesse projeto encontra-se reunido intelectuais de esquerda e expoentes do pensamento nacional, como Antonio Candido e Roberto Schwarz, ambos ligados a Williams por Maria Elisa Cevasco.

A autora, na tentativa de forjar uma análise comparativa entre Williams e expoentes de um pensamento cultural nacional, como Candido e Schwarz, liga-se às linhagens das ciências sociais que pensam a questão da cultura e da identidade nacional como elementos decisivos da nossa formação. Como disse Maria Arminda, o “... argumento de fundo... situa-se na reflexão do campo da história intelectual”, isto é, “o vínculo entre vida intelectual e história”.<sup>22</sup> Neste caso, a história de uma tradição seletiva que seleciona e interpreta um autor estrangeiro dedicado às teorias da cultura e se apropria dele para pensar nosso legado formativo.

Outra linhagem que Cevasco segue é a do marxismo ocidental, que ela chama de crítica cultural materialista, algo que já tinha sido fabricado por outro intelectual brasileiro, apesar de ser alguém radicado na França e ligado a centros de pesquisa franceses e brasileiros: Michel Löwy. Fosse em seu livro *Revolta e Melancolia* (1995), em que insere

---

literários”. In: Benjamin Abdala Junior (org.), *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 144-145.

<sup>21</sup> Como exemplo dessa expansão e influência, cito a criação do mestrado acadêmico em “estudos culturais” pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Disponível em: <http://www5.each.usp.br/mestrado-academico-em-estudos-culturais/>; acesso em julho/2018.

<sup>22</sup> Conferir Maria Arminda, “Cultura brasileira...”, *op. cit.*, p. 46.

Williams dentro do “romantismo marxista”<sup>23</sup>, fosse no artigo “Le courant romantique dans les sciences sociales en Angleterre: Edward P. Thompson et Raymond Williams” (1993),<sup>24</sup> ou porque simplesmente via em Williams um interlocutor importante, Löwy é um dos primeiros intelectuais brasileiros a tentar tornar inteligível a discussão de cultura dentro do marxismo, tanto que para isso, não retoma apenas os intelectuais frankfurtianos, mas a geração inglesa de Williams e Thompson, principalmente.

Para ilustrar o ponto, cito uma carta de Michel Löwy dirigida a Williams na década de 1980, em que busca no Professor Williams o interlocutor necessário, enviando aos seus cuidados seu livro *Marxisme et Romanstisme Revolutionnaire*. Löwy também agradece o acolhimento, leitura e tradução do seu livro *Georg Lukács – from Romanticism to Bolchevism*, publicado pela New Left Books, em 1979.<sup>25</sup> Sobre o conteúdo da carta, Löwy parece querer convencer Williams sobre a centralidade do romantismo para a explicação do marxismo, bem como teme que a carta não chegue até suas mãos, como aconteceu com uma correspondência anterior, remetida a Williams, mas sem a esperada resposta. Apesar de estarmos num ambiente fora do cenário nacional, envolvendo um ansioso jovem intelectual e um renomado autor, o que se sobressai são as trocas intelectuais que criam linhagens e impulsionam a difusão das ideias de Williams no Brasil, tanto que uma geração futura de professores universitários, como Marcelo Ridenti, vai entrar em contato com a obra de Williams lendo Löwy.<sup>26</sup>

Fosse Cevasco, fosse anteriormente Löwy, a linhagem interpretativa é a do marxismo ocidental, ou melhor, a da crítica cultural materialista, cuja tradição seletiva de intelectuais de esquerda parecem seguir.

---

<sup>23</sup> Michel Löwy e Robert Sayre. “O romantismo marxista”. In: *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 126.

<sup>24</sup> Conferir Michel Löwy e Robert Sayre, “Le courant romantique dans les sciences sociales en Angleterre: Edward P. Thompson et Raymond Williams”, In: *L’homme et la société*, n. 110, 1993.

<sup>25</sup> É importante destacar que o capítulo V deste livro, “Lukács and Stalinism”, foi publicado na *New Left Review* em maio-junho de 1975, sendo que tanto nesta época quanto em 1979, data da edição do livro, Williams está entre os realizadores da New Left. Sobre a carta, essa foi emitida em 17 de novembro de 1980 e consta nos arquivos da Swansea University, no País de Gales. Fonte: Richard Burton Archives. Referência: WWE 2/1/12/35 – Notes – Until Schedules.

<sup>26</sup> Conferir a tese de Fábio Mascaro Querido, inclusive orientada por Marcelo Ridenti, intitulada *Resistência intelectual e engajamento político em Michael Löwy e Daniel Bensaid: afinidades benjaminianas*, 2016. disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/320958/1/Querido\\_FabioMascaro\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/320958/1/Querido_FabioMascaro_D.pdf); acesso em setembro/2018.

Contudo, essa terceira tradição seletiva, apesar de reter seu vórtice na crítica cultural materialista, acaba escapando do seu esgotamento enquanto crítica marxista e consegue se atualizar quando Cevasco pensa a crítica cultural como uma das ênfases dos chamados “estudos culturais”. Nascia aí uma nova linhagem interpretativa e uma série de seleções e interpretações.<sup>27</sup>

Em 1986, já no final da vida, Williams publicou um ensaio intitulado “O futuro dos estudos culturais”,<sup>28</sup> onde não apenas operava uma historização da disciplina, mas mostrava, entre outras coisas, os seus vínculos com a educação de adultos:

Se olharmos, então, para o local onde houve um processo continuado de mudança, e no qual um projeto diferente foi definido, chegaremos novamente à educação para adultos. De fato, dificilmente será enfatizado em demasia que os Estudos Culturais, no sentido que entendemos a disciplina hoje, mesmo com tudo o que devem aos seus predecessores em Cambridge, surgiram na educação para adultos: na Workers’ Educational Association [Associação Educacional dos Trabalhadores] (WEA), nas classes de extensão extramuros.<sup>29</sup>

Ocorre que esse processo continuado de mudança é aquilo que anunciamos no início desse texto sobre as linhas de desenvolvimento cultural que começam com um projeto de educação nova e a busca por construir um sistema de produção do saber de humanidades. Esses dois grandes empreendimentos, Williams chamou na Grã-Bretanha de Estudos Culturais, já em terras brasileiras, escolhemos fazer nossa educação nova e parte do sistema de produção do saber pelas humanidades, sobretudo, pelas faculdades de filosofia, letras e ciências sociais, sem desconsiderar as histórias, geografias e pedagogias.

---

<sup>27</sup> Como não temos espaço para discutir outras tradições seletivas ligadas a Williams, como aquelas que nascem nos departamentos de história, educação e ciências sociais no Brasil, vou indicar apenas alguns nomes de pesquisadores e suas respectivas obras relacionadas a Williams: conferir Carmem Sylvia Vidigal Moraes (Faculdade de Educação/USP) em “Educação permanente: direito de cidadania, responsabilidade do Estado” (*In: Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 2, p. 395-416, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tes/v4n2/11.pdf>; acesso em Julho/2018) e *Educação de trabalhadores por trabalhadores* (São Paulo: Martins Fontes, 2014); Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (UFMG), “Pensando a História da Educação com Raymond Williams” (*In: Educação e Realidade*, v. 39, n. 1, 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/30236>; acesso em Julho/2018); Sônia Maria da Silva Araújo (UFPA) e João Colares de Mota Neto, “Raymond Williams e a produção do conhecimento em educação” (*In: Educação & Linguagem*, vol. 15, n. 26, jul.dez/2012, pp. 118-136. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/3487>; acesso em Julho/2018); Heloísa Pontes. “Círculos de intelectuais e experiência social”. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.12, n.34, junho 1997 e *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>28</sup> Conferir Raymond Williams. “O futuro dos estudos culturais”. *In: A política do modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

<sup>29</sup> Raymond Williams, “O futuro dos estudos culturais”, *op. cit.*, p. 175.

Todavia, apesar de as humanidades serem uma grande área do conhecimento humano e de seu currículo e formação no ensino superior seguirem diferentes modelos e diretrizes, o seu conjunto expressa partes decisivas do nosso pensamento social brasileiro, onde encontramos frações importantes da produção intelectual nacional, e no interior disso, há uma fração de estudiosos ocupados com a obra de Williams e interessada num suposto estudos culturais, que suspende os fundamentos teórico-práticos dessa disciplina.

O projeto dos estudos culturais é essencialmente extramuros. O que significa dizer que não se trata de uma disciplina acadêmica, mas de uma prática pedagógica mais próxima daquilo que chamamos, no país, de extensão; todavia, isso pouco sabemos porque abdicamos de parte da produção de Raymond Williams sobre cultura e educação, sobretudo, a discussão ligada à educação de adultos.

### **Cesuras epistemológicas**

O tema da educação de adultos (ou simplesmente educação) compõe muito pouco o conjunto principal dessas três linhagens que seguem as tradições seletivas estudadas, o que é um problema. Nesse sentido, é sempre bom repetir aquilo que escreveu Edward Thompson sobre a educação de adultos: “a história não é simplesmente algo que nos vem à lembrança com extrema facilidade quando se trata do movimento de educação de adultos.”<sup>30</sup> Essa é uma linhagem dentro do pensamento social brasileiro sobre Williams que precisa ser recuperada, sobretudo, porque em se tratando de tradições seletivas interessadas em uma “educação nova” e um “sistema de produção do saber” que abarque os estudos culturais, desconhecer a abrangência da produção bibliográfica de Williams sobre a educação de adultos é não compreender o que significa os próprios estudos culturais.

O primeiro deles é a questão das aulas tutoriais que, segundo Williams, não são equivalentes às aulas universitárias, embora alguns insistem em compreender que a educação de adultos é uma extensão universitária, embora não seja. Diz ele:

... This desire to be equivalent to the university is understandable, in historical terms, but it is also, now, a dangerous sentimentality. I am often

---

<sup>30</sup> Edward Thompson. “Educação e experiência”. In: *Os românticos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002, p. 39.

rather shocked to see the same complex exhibited in students who attend a summer school; some of them enjoy pretending to be undergraduates. I have nothing against undergraduates; they are a proper and necessary class of persons. But is it not rather absurd that it should be an ideal of adult education to imitate the conditions of the undergraduate...<sup>31</sup>

Preocupado com a especificidade do ensino de adultos através das aulas tutoriais e a centralidade e força que o ensino universitário exercia sobre as várias esferas da educação, Williams lembra que um trabalho de extensão é uma coisa, é a universidade atuando em espaços não universitários: “*Extension*, in itself, is just: the idea is that a course of lectures should extend university teaching to a wider public”;<sup>32</sup> enquanto o ensino de adultos, de onde vai eclodir a posteriori os estudos culturais, se dá através das aulas tutoriais:

The *tutorial* class, on the other hand, extends the tradition, associated in particular with Oxford and Cambridge, of teaching which begins with the student, and which is shaped and re-shaped to serve both his needs and the standards of his tutor and of the institution of which they are members... The purpose of the class is the close study of an agreed subject by limited group of adults, who are in personal and continuous relations with an able tutor. The methods of the class are essentially flexible, bounded only by the facts of the material studied. The tutor must so adapt his manner of teaching that he discovers the real capacities and difficulties of his students, and frames his subsequent teaching to meet them. In this process the students play an active, determining part.<sup>33</sup>

O excerto é bastante evidente sobre o que consiste as aulas tutoriais e a importância e centralidade do tutor no processo de formação dos estudantes. Todavia, carece de explicação o termo *close study* e de que tipo de curso Williams está tratando. No caso do *close study*, em outro momento defini o termo da seguinte forma:

... “*close study*” é uma espécie de “*close reading*” para a prática pedagógica. No lugar do conhecido método de explicação do texto literário, que foi utilizado pelo próprio Williams em seus livros em que o texto era o ponto de partida para análise de cultura e sociedade, o “*close study*” é um método para a prática pedagógica para ser usado em sala de aula pelos tutores e estudantes, e consiste em estar bastante atento ou focado em um assunto específico, que foi escolhido democraticamente

<sup>31</sup> Raymond Williams. *Three Years Hard: a comment on the Tutorial Class*. s/d e datilografado. Fonte: Richard Burton Archives – Swansea University. Referência: WWWE/2/1/7/1/49.

<sup>32</sup> Raymond Williams. *Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class*, 1950. Fonte: Richard Burton Archives – Swansea University. Referência: WWE/2/2/1/3/4 – grifo do autor.

<sup>33</sup> Raymond Williams, *Abandoning The Lecture...*, op. cit., 1950 – grifo do autor.

pelo grupo e que servirá de ponto de partida ou alavancagem para aquilo que será desenvolvido na aula.<sup>34</sup>

O *close study* estaria voltado para as aulas justamente de literatura, e o método utilizado por Williams é chamado de “discussão”:

The kind of thing a tutorial class is cannot be accountable in mechanical terms... I propose here to argue that the essential feature of the tutorial class is what I shall define as discussion. I intend also to give some description of discussion methods which I have used in tutorial classes (mainly in classes in literature).<sup>35</sup>

Fica evidente nesse excerto a preocupação dos métodos de ensino para as aulas tutoriais de literatura, demonstrando, desde 1950, a preocupação de Williams com o fato literário na formação humana. Em 1958, já em *Cultura e Sociedade*, Williams deixava mais evidente a importância do estudo literário, na medida em que ele afirmava que a literatura era uma forma de acessarmos e conhecermos as experiências mais gerais da vida. Mas isso só era possível através de uma sociedade leitora de literatura, logo, educada, participativa; daí a importância da educação de adultos.

I began tutorial-class teaching in literature when I already had reservations about the value of lectures on literature. Most academic work in literature, it seemed to me, was concentrated on secondary material. It was easier, tidier, and much safer to work on literary history, bibliography, biography, background, correlation and so on, than to read and judge actual poems, plays and novels. The overwhelming majority of lectures on literature were lectures *about* the literature, and often at two or more removes. Because such material is easier to handle, courses of study habitually covered very large areas, frequently having relation to an enormous number of texts, many more than in the time one could read intelligently or with interest.<sup>36</sup>

Com esse testemunho sobre quando Williams começou a trabalhar com literatura e de que forma foi abdicando das histórias literárias etc., e se concentrando na

---

<sup>34</sup> Raymond Williams & Educação: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino. Apresentação, organização e tradução, Alexandro Henrique Paixão e colaboradores. Campinas-SP: Editora da Faculdade de Educação da Unicamp, 2018, nota 26 (ebook no prelo).

<sup>35</sup> Raymond Williams, *Abandoning the Lecture...*, op. cit., 1950.

<sup>36</sup> Raymond Williams, *Abandoning the Lecture...*, op. cit., 1950 – grifo do autor.

leitura interna das obras de literatura, podemos compreender a centralidade que o texto literário vai assumir em livros posteriores, como *O Campo e a Cidade*, ou na própria disciplina estudos culturais.

Haveria muito mais a apresentar sobre os escritos de educação de Williams, não obstante, vou terminar destacando duas coisas: primeiro, repassando uma de suas assertivas sobre ser decisivo compreender os sistemas de ensino, pois eles nos ajudam a entender a própria organização da sociedade;<sup>37</sup> segundo, apresentando algumas das obras de Williams para que o leitor possa ter uma dimensão dos escritos de educação do autor galês. Vejamos:

- “Three Years Hard: a comment on the Tutorial Class” – s/d e datilografado.
- “Some experiments in Literature Teaching” – Rewley House – Papers Vol 2 1948-1948 \*
- “Abandoning the Lecture the teaching of Public Expression” – The Highway April 1953
- “Film as Tutorial subject” – Rewlwy H. P. 1953 \*
- “Democracy or Meritocracy” – Guardian Review Oct. 30 1958
- “Language and Prejudice” – Forum 33 1959
- “Going on Learning” – New Statesman 1959 \*
- “Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class”, 1950 – [fonte não identificada]
- “An Educated Democracy”, s/d. [fonte não identificada]
- “The Illusion of Stability” – Education May 1 1959
- “Strictly Personal” – Education Mar. 4 1960
- “The Press and Popular Education” – Lecture Belgium \*
- “The Roots of Education” – Guardian Ap 14 1960 \*
- “Address to Tutors” – W. E. A pamphlet c 1961
- “The Common Good” – Adult Education Nov. 1961
- “The Teaching of Public Expression” – The High April 1953 \*

Os títulos acrescidos de asteriscos foram editados e publicados por comentadores interessados nesse legado pedagógico de Williams, já os textos destacados, quatro ao todo, foram traduzidos e organizados para serem publicados em ebook numa coletânea de textos pela editora da Faculdade de Educação da UNICAMP, demonstrando uma nova seleção da obra do autor galês em andamento.<sup>38</sup> O restante de outros escritos,

---

<sup>37</sup> Raymond Williams. *Strictly Personal*. In: *Education*, march 4, 1960. Fonte: Richard Burton Archives – Swansea University. Referência: WWE/2/2/1/3/4; ainda sobre uma análise do sistema de ensino inglês, conferir do próprio autor, “Uma ideia de cultura comum” (1968). *Recursos da Esperança*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

<sup>38</sup> Além do ebook já mencionado na nota 34, outros dois trabalhos sobre Williams e educação vão ser publicados em periódicos qualificados entre esse ano e o próximo. O primeiro artigo de minha autoria chama-se “Raymond Williams e Educação Democrática”, In: *Revista Educação & Sociedade*; e o segundo de minha

para além daqueles que não foram pesquisados ainda, esses aguardam seleção e interpretação de novas tradições seletivas que sigam pela linhagem da cultura, sociedade e educação como algo indispensável para a compreensão da obra mais completa de Raymond Williams.

Um estudo sobre o pensamento social no Brasil exigiu tentar compreender as tradições seletivas brasileiras e as linhagens que esses grupos estratégicos seguiram para selecionar e interpretar parte da produção bibliográfica de Raymond Williams. Nesse processo, elementos de uma educação nova, transferidos com o passar do tempo à disciplina “estudos culturais”, somado às expectativas com o desenvolvimento de um sistema de produção do saber de “humanidades”, teve um efeito de mudança social, algo que pudemos acompanhar graças à circulação das obras de um autor pelo mercado editorial, pelas bibliotecas universitárias e através de feições de diferentes intelectuais. Acompanhados da assertiva de que os sistemas de ensino podem ser uma via inteligível para se discutir a organização da sociedade, o que parece estar reservado, em parte, à sociologia da cultura, à história dos intelectuais e ao pensamento social brasileiro, eles mesmos interessados nos estudos culturais, é o estímulo para se repensar o clássico binômio cultura e sociedade, acrescentando uma ênfase num tipo de educação que ocorre em espaços extramuros da universidade, onde a vida intelectual também parece reter seu vórtice.

## Referências

ARENDRT, Hannah. “Capítulo 3”. In: *Sobre a Violência*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. “Cultura brasileira e identidade nacional (comentário crítico)”. In: *O que ler na ciência social brasileira 1970-2002*. São Paulo: Editora Sumaré, 2002, vol. IV.

ARAÚJO, Sônia Maria da Silva e NETO, João Colares de Mota. “Raymond Williams e a produção do conhecimento em educação”. In: *Educação & Linguagem*, vol. 15, n. 26, jul.dez/2012, pp. 118-136.

BION, Wilfred. “Cesura”. In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, 1981, nº 15, pp. 123-136.

CANDIDO, Antonio. “A revolução de 1930 e a cultura”. In: *A educação pela noite e outros escritos*. São Paulo: Ática,

---

autoria e de Anderson Trevisan, intitula-se “Cinema educativo em cena: Raymond Williams, análise filmica e a produção de um saber”, a ser publicado na revista ETD.



- CANDIDO, Antonio. Youtube: <https://youtu.be/mZvFy6gdGLs>. 06 de abril de 2015.
- CARDOSO, Irene. “A modernização da universidade brasileira e a questão da avaliação”. In: *Para uma crítica do presente*. São Paulo: Editora 34, 2001, pp. 70-71.
- CEVASCO, Maria Elisa. “Dois críticos literários”. In: Benjamin Abdala Junior (org.), *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, pp. 144-145.
- CEVASCO, Maria Elisa. “Momentos da crítica cultural materialista”. In: *Terceira Margem*, Rio de Janeiro, número 12, janeiro-junho/2005.
- CEVASCO, Maria Elisa. “Sociologia de la Literatura”. In: Carlos Altamirano (org.), *Terminos criticos de sociologia de la cultura*, Buenos Aires: Paidós, 2002, v. 1, p. 161-169.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- HALLEWELL, Laurence. “Livros de Nível Universitário”. In: *O Livro no Brasil (Sua História)*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor; Editora Universidade de São Paulo.
- LÖWY, Michel e SAYRE, Robert. “Le courant romantique dans les sciences sociales en Angleterre: Edward P. Thompson et Raymond Williams, In: *L’homme et la société*, n. 110, 1993.
- LÖWY, Michel e SAYRE, Robert. “O romantismo marxista”. In: *Revolta e Melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MICEL, Sergio. “Prefácio”. In: Maria Elisa Cevasco. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. “Educação permanente: direito de cidadania, responsabilidade do Estado”. In: *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 4 n. 2, p. 395-416, 2006.
- MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. *Educação de trabalhadores por trabalhadores*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- OLIVERIA, Marcus Aurélio Taborda de. “Pensando a História da Educação com Raymond Williams”. In: *Educação e Realidade*. v. 39, n. 1, 2014.
- PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Raymond Williams: história intelectual inglesa, cultura e educação de adultos no pós-guerra*. 41º Encontro da ANPOCS, 2017.
- PONTES, Heloísa. “Círculos de intelectuais e experiência social”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v.12, n.34, junho 1997.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- QUERIDO, Fábio Mascaro. *Resistência intelectual e engajamento político em Michael Löwy e Daniel Bensaïd: afinidades benjaminianas*, 2016. Tese de Doutorado em Sociologia (IFCH).
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet e COSTA, Vanda Maria Ribeiro Costa, *Tempos de Capanema*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; São Paulo: Paz e Terra, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. “A grande tradição do nosso tempo”, 1968 [Texto comentado do livro “Culture and Society”, de Raymond Williams. Rio de Janeiro”].

THOMPSON, Edward. “Educação e experiência”. *In: Os românticos*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

WILLIAMS, Raymond. “O futuro dos estudos culturais”. *In: A política do modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WILLIAMS, Raymond. “Uma ideia de cultura comum” (1968). *Recursos da Esperança*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

WILLIAMS, Raymond. *Abandoning the Lecture: Discussion Method for the Adult Literature Class*, 1950.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. *Strictly Personal*. *In: Education*, march 4, 1960.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. Wales: Cardigan, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Three Years Hard: a comment on the Tutorial Class*. s/d e datilografado.

### **Fontes**

CPDOC/FGV – Rio de Janeiro - Brasil

Richard Burton Archives – Swansea University - Wales

---

\* Este trabalho foi apresentado oralmente no 42º Encontro da ANPOCS, ocorrido de 22 a 26 de Outubro de 2018 em Caxambu - MG, com financiamento da FAPESP.